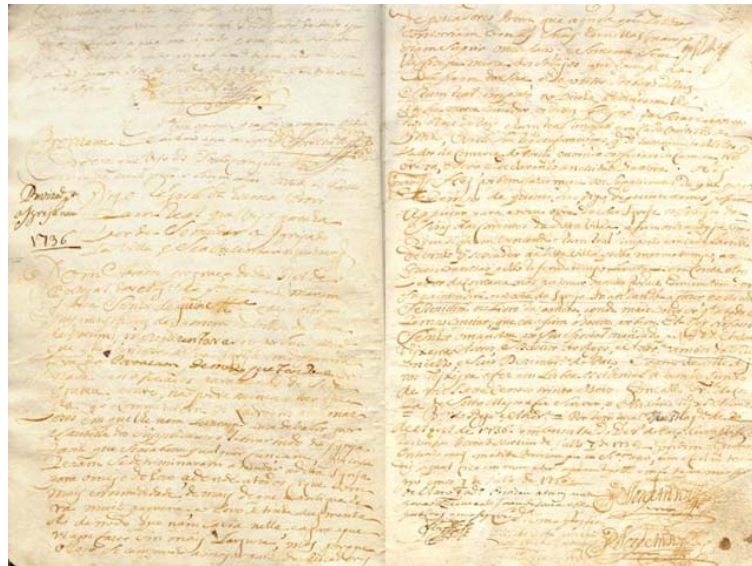


**PROVISÃO A EL-REI D. JOÃO V, PARA EDIFICAÇÃO DA IGREJA MATRIZ
(1 de Junho de 1736)**



No ano em que se comemoram os 250 anos da Igreja Matriz (1757 - 2007), faz todo o sentido o arquivo lançar para o conhecimento público um documento que viria a ser um marco histórico para a comunidade poveira.

Pertencente à série documental Registos Gerais *, o documento escolhido para este mês é uma provisão que a população da Póvoa de Varzim enviou a El-Rei D. João V, em 1 de Junho de 1736, pedindo-lhe a edificação de uma nova Igreja Matriz. Visto que a anterior Matriz (construída no Largo das Dores, em 1685 e demolida, mais tarde, em 1910) começava a apresentar determinados transtornos para a vida da Vila da Póvoa de Varzim.

Este pedido era fundamentado pelo facto da antiga Igreja Matriz se situar longe do epicentro populacional (hoje centro histórico da cidade, na altura centro cívico e habitacional da vila), de ser motivo de constantes assaltos devido ao seu isolamento, além disso começava a ser pequena para albergar a grande população da vila, que claramente devota, acorria em massa àquela edificação.

Na Provisão * de 7 de Fevereiro de 1743 é dada autorização, por D. José - Arcebispo de Braga, ao Pároco da Póvoa de Varzim para bênção da primeira pedra, obra e área envolvente, segundo o ritual romano. Este acto solene, de claro simbolismo, ficaria registado no A Propaganda de 16 de Junho de 1907: A primeira pedra foi lançada pelo “...Parocho José Carvalho da Cunha, no dia 18 de Fevereiro de 1743, a qual conduziram quatro distintos cavalheiros, a saber - D. Diogo de Sousa, Francisco Felix Henriques da Veiga Leal, e Francisco Monteiro Pereira de Queiroz; - os quaes tornaram o acto da inauguração o mais solemne possível.”

Uma obra de tamanha envergadura, à semelhança do que acontece nos dias de hoje, não foi possível concluir no prazo estipulado pelo rei. E mesmo ao fim de 14 anos de árduo trabalho, foi necessário pedir a D. João V uma prorrogação do prazo. Tal acto ficaria registado nos Registos Gerais * em documento de 26 de Outubro de 1751: “Depois de se trabalhar com afan pelo espaço de annos, nas paredes e tecto, ainda faltavam algumas obras a concluir; e como tivesse passado o tempo da concessão regia, foi preciso recorrer novamente à piedade do mesmo Monarcha, o qual ampliou por mais 8 annos a graça que já havia concedido”.

No Dia da Epifania, a 6 de Janeiro de 1757 fez-se “... a benção solemne do novo Templo, que tantos trabalhos e despezas havia custado; e logo depois da benção foi o Parocho acompanhado do Clero, Senado e Povo buscar em procissão a Sagrada Eucharistia, e as Santas Imagens, as quaes vieram em triumpho pelas ruas da villa até se recolherem em a nova Igreja. A fortaleza deu salva real ao passar a procissão; os repiques de sinos, e os hymnos dos Sacerdotes, junto aos louvores dos fieis, tornaram esta pia cerimonia mais augusta; e n'ella se observou a maior decencia e grande jubilo. Recolhida a mesma procissão se expôz no Throno o SS. Sacramento, o se deu principio á Missa solemne a qual cantou o Reitor Diogo Ferreira, que succedeu ao fundador José Carvalho da Cunha, e esta festividade durou todo o dia, e ficou sendo de eterna recordação aos filhos da Povoia de Varzim.”,

texto recolhido do A Propaganda de 16 de Junho de 1907.

A Igreja começou a ser construída no reinado de D. João V, mas só foi concluída no de D. José, daí que no estandarte real que acompanhava a procissão de inauguração figurasse a figura deste último.

De notar que aquando da inauguração a maioria das obras do interior da Igreja não se encontravam concluídas, como podemos confirmar em excerto da Acta Camarária * de 5 de Fevereiro de 1757: "... e logo pelo Reverendo Reitor desta Vila, nobreza e povo foi requerido a eles oficiais do Senado da Câmara que as obras da nova Igreja que se achavam rematadas; e já se nesta se celebravam missa e mais ofícios divinos ... a razão se deviam concluir

para melhor serviço de Deus pelo que requeriam a eles ditos Senadores do Senado para melhor ... das ditas obras mandassem avisar aos mestres arrematantes para que estes logo metessem oficiais suficientes para dar fim às mesmas obras rematadas com a necessidade que pede as ditas obras; e sendo necessário se desse conta ao Doutor Corregedor Procurador superintendente das mesmas obras para ele dar a providência..."

Para custear a construção desta nova Igreja os habitantes solicitaram, na Provisão * de 1 de Junho de 1736, que fossem retiradas ajudas dos dinheiros da sisa, do depósito dos bens de raiz e que fosse atribuído para o efeito um real do imposto cobrado por cada quartilho de vinho - isto durante 15 anos - o que, de facto, veio a ser concedido.

Mais tarde, surge uma nova Provisão * a 26 de Outubro de 1751, de el-rei D. José dirigida ao Provedor da Comarca da Cidade do Porto, em resposta à petição que fizeram o Juiz, oficiais da Câmara e moradores da Póvoa de Varzim para prorrogação dos dinheiros dos sobejos das sisas por 8 anos.

Através da leitura de Actas Camarárias * (17 de Maio de 1738 e 30 de Julho de 1757), conseguimos perceber que estes dinheiros para as obras da Igreja Matriz ficavam nas mãos de dois depositários: Francisco Leite Ferreira e Luís da Rocha Soares.

Também com base na mesma série documental - Actas da Câmara *, sabemos que o construtor da Igreja foi Manoel Fernandes da Silva, mestre pedreiro e arquitecto, que não chega a ver a obra concluída pois falece em Setembro de 1751. Depois de um interregno de dois anos, em 1753, a obra é continuada pelos mestres de pedraria: Domingos da Costa, João Moreira e José Fernandes Lucas, que a terminam em 1757. O lajeado da porta da Igreja ficaria a cargo de José Lopes Galego. O mestre carpinteiro responsável pelas obras de carpintaria da Igreja Matriz terá sido Manuel Ferreira Campos, e o arrematante da feitura das vidraças e redes foi João da Silva.

A execução da talha da Igreja Matriz ficou a cargo do mestre entalhador Matias Lis de Miranda, empreitada que foi desenvolvida durante 3 anos (de 1755 a 1758). Aquando da inauguração da Igreja só se encontrava pronto ou quase pronto o retábulo da Capela-mor. As suas tarefas prenderam -se à elaboração do grande retábulo da Capela-mor, dos dois retábulos colaterais, dos dois das extremidades do transepto (parte transversal das Igrejas que se estende para fora da nave e forma os braços do cruzeiro) e dos quatro da nave. Também são de sua autoria as sanefas, tocheiros e castiçais. Isto é, grande parte da obra de talha da Igreja Matriz. Apesar de termos conhecimento de quem foi o executante da obra de talha, é-nos totalmente desconhecido o autor ou autores do risco, o que era bastante comum na época. Já o douramento e a pintura do retábulo da Capela-mor, dos oito retábulos do transepto e nave, bem como, das sanefas da Igreja Matriz, ficaram a cargo do mestre portuense José da Mota Manso. O mestre sineiro ou fundidor de sinos que efectuou os cinco novos sinos para a Igreja foi José Rodrigues. Vários artistas, pode-se dizer, tiveram o privilégio de colaborar nesta obra.

Este ano e para comemorar o 250º aniversário da Matriz da Póvoa de Varzim, podemos dizer que o expoente máximo das comemorações destes dois séculos e meio de existência terá sido a recriação daquela procissão acima descrita. Aliás festividades que se prolongam por todo este ano.

Outras informações pertinentes, ou apenas curiosas, vão integrar a exposição que o Arquivo está a elaborar: 250 anos da Igreja Matriz: apontamentos do Arquivo Municipal, para inauguração a 16 de Novembro.

De resto, apenas mais um pequeno contributo do Arquivo Municipal, que desta forma se associa àquelas comemorações, exposição que convidamos a espreitar se tiver oportunidade.

Uma obra belíssima e grandiosa para qualquer entendido na matéria, e mesmo para qualquer paroquiano que decerto se orgulha de ter ao seu dispor um templo digno de qualquer acto mais ou menos solene, mas sempre carregado de muita fé e paz.

* documentos que integram o espólio do Arquivo Municipal